

Acampamentos litorâneos em Içara, SC.

Um exercício em padrão de assentamento¹

Pedro Ignácio SCHMITZ

Resumo: Içara é um sítio pré-cerâmico dos primeiros séculos de nossa era, em que estão representados sucessivos acampamentos de verão junto ao litoral, de uma população caçadora-coletores do interior. Os indicadores usados para a estacionalidade são os alimentos, para a migração os sepultamentos, diferentes daqueles dos povoadores permanentes do litoral, mas semelhantes aos dos índios Xokleng, antigos ocupantes da Floresta Atlântica de Santa Catarina e do Sudeste do Paraná.

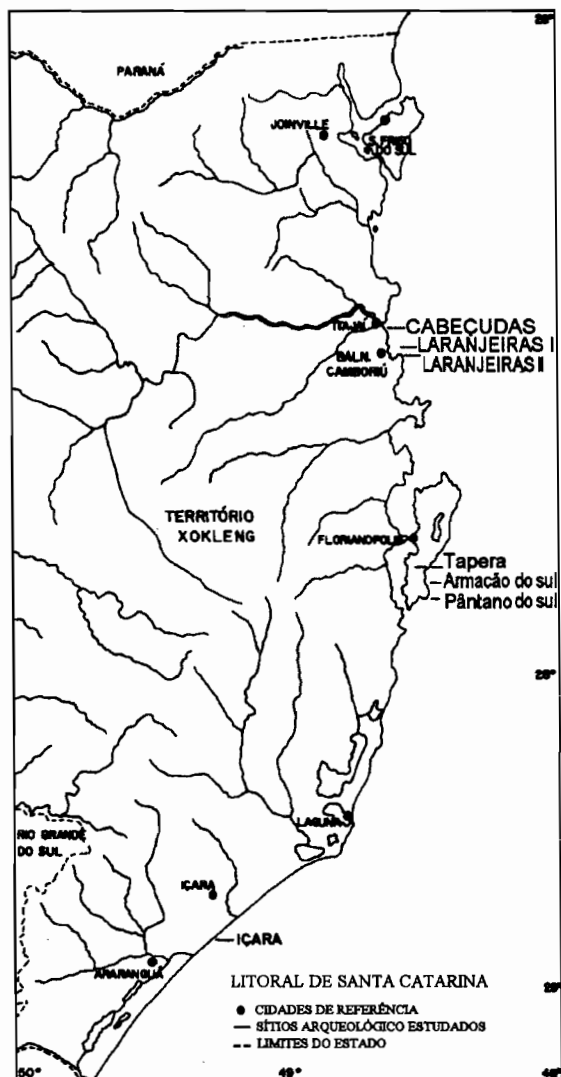
Palavras chave: acampamentos estacionais; habitantes litorâneos; índios Xokleng; Floresta Atlântica.

1. Antecedentes

Os livros e artigos que falam dos caçadores-coletores costumam descrever seu padrão de assentamento como de acampamentos transitórios dentro de um território permanente. Estes acampamentos estão ligados à busca de alimento, de matéria-prima, de festa e de ritual, incluindo a deposição dos mortos. Algumas sociedades têm um acampamento central, a partir do qual saem para estações de atividades específicas, mas retornando sempre ao ponto de partida. Outras têm diversos acampamentos estacionais, distribuídos pelo ano, nenhum dos quais pode ser considerado a sede do grupo. As formas de exploração dos recursos do território de domínio, bem como a organização social correspondente e as formas de assentamento dos caçadores-coletores variam bastante; o que caracteriza o assentamento é a pouca estabilidade no mesmo local, embora se volte a ele periodicamente.

¹ Texto escrito em homenagem a Marília de Mello e Alvim, lembrando o seu grande interesse e autoridade no estudo da biologia das populações indígenas do litoral e do interior do Brasil.

Projeto executado por Ana Luisa Vietti Bitencourt, Jairo Henrique Rogge, André Osorio Rosa, Marcus Vinicius Beber, Rodrigo Lavina, Maribel Girelli, Rosane Sbardelotto, Juliane Puhl Gomes, Patrícia Hackbart e Gilmar Machado Izidro, do Instituto Anchieta de Pesquisas, sob a coordenação de Pedro Ignácio Schmitz. Todos bolsistas do CNPq.



Já as populações horticultoras-ceramistas e agricultoras costumam ser apresentadas como mais estáveis, vivendo em aldeias, maiores e mais permanentes, onde a maior parte da população permanece o ano todo.

Quando os arqueólogos brasileiros falam, em geral, do padrão de assentamento das populações litorâneas, pouco, ainda, sabem explicitar e definir, embora este pudesse ser um dos objetivos básicos de sua pesquisa. Isto também acontece com o litoral de Santa Catarina, apesar de a pesquisa já durar três décadas.

Quando nós olhamos os grandes concheiros de Laguna ou da baía de São Francisco (Prous & Piazza 1977; Hurt 1974) será difícil admitir que eles só foram construídos a partir de

acampamentos estacionais, visitados periodicamente. O mínimo que se pode supor é que eles correspondem a acampamentos centrais de grupos, que também se poderiam apoiar em acampamentos mais efêmeros, destinados a atividades específicas e complementares.

Para sítios menores e mais rasos, como são comuns ao longo da costa, seria possível admitir a alternância entre dois ou mais sítios, morando o grupo ora num sítio, ora em outro, ou num terceiro, para exploração de

recursos entre si complementares. Sítios como o do Pântano do Sul (Schmitz & Bitencourt 1995), ocupado entre 4.500 e 3.700 anos A.P., talvez pudesse ter surgido dessa forma: num espaço de centenas de metros se parecem suceder ocupações sem maiores estruturas e com muito poucos sepultamentos. (Mapa)

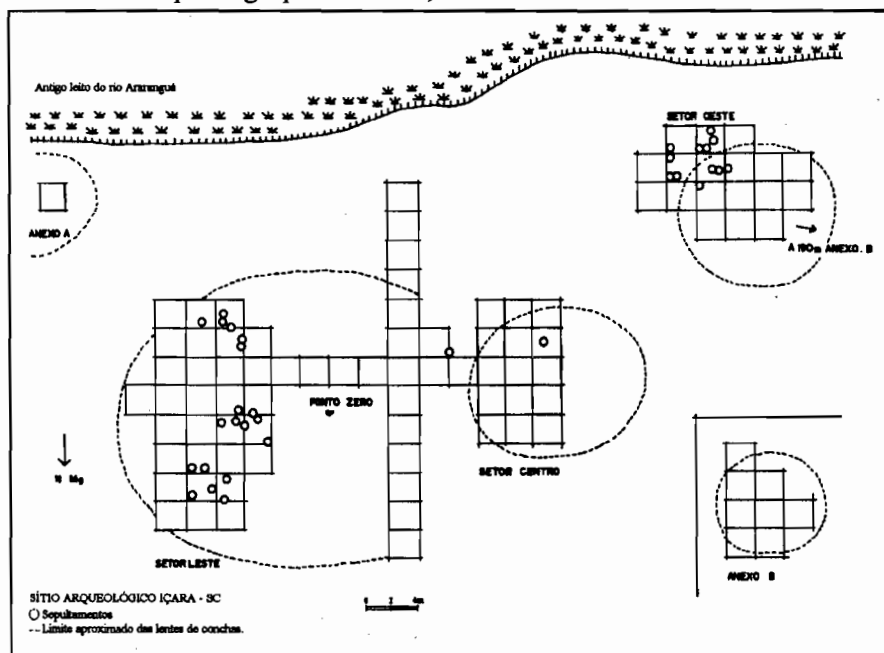
Outros sítios escavados pelo Pe. João Alfredo Rohr, S.J. indicam certa estabilidade de estruturas e grande número de sepultamentos, como o de Laranjeiras I (Schmitz & Bitencourt 1995), datado de 3.800 anos A.P. e o da Armação do Sul, datado de 2.670 anos A.P. (Schmitz e outros 1992). Apesar de pré-cerâmicos, já parecem ter certa estabilidade, mas sem demonstrarem que são verdadeiras aldeias, parecendo-se antes com acampamentos centrais. A grande pergunta que surge, então, é esta: se estas são aldeias centrais, onde se encontram os acampamentos para as atividades específicas? Ou se são aldeias de revezamento, com que outros sítios, então, se revezam?

Tudo indica que a população de todos estes sítios se mantém no litoral o ano todo, já que ainda não existe nenhum indicador de contato material ou biológico dos moradores com o interior do continente. Os sepultamentos, que são bons indicadores, são primários, fazendo supor que correspondem aos mortos no lugar e não a corpos, ou esqueletos, transportados de fora.

Os sítios Itararé do litoral (Laranjeiras II: Schmitz e outros 1993; Cabeçadas: Schmitz & Verardi 1995; e Tapera: Silva e outros 1990), apesar de exibirem perfeita adaptação ao litoral, já formam verdadeiras aldeias estáveis e duradouras.

Os construtores dessas últimas são populações adventícias (Neves 1984), que chegaram, aparentemente, por extensão do seu território, que era o planalto adjacente do Paraná e de Santa Catarina. Lá são conhecidas como caçadores-coletores oportunistas, com alguns cultivos. No litoral parecem continuar sendo caçadores-coletores-pescadores oportunistas, talvez sem cultivos (Neves, Unger & Scaramuzza 1984). Os restos materiais sugerem que não se trata de acampamentos complementares de aldeias do interior, nem de aldeias de revezamento, mas de assentamentos independentes, que incorporaram grande parte da tecnologia e, às vezes, mesmo da população do litoral (Schmitz 1995). Seus sepultamentos, primários, dentro das casas em que viviam, correspondem a indivíduos mortos no local e não transportados do interior.

Mas não se pode excluir que populações interioranas, especialmente as que viviam no Floresta Atlântica da Serra do Mar e na borda do Planalto Meridional, populações que parecem ter continuado (ou voltaram) a ser caçadoras, tenham seu território de domínio cobrindo não só a Serra do Mar e a borda do Planalto, mas também áreas litorâneas, especialmente aquelas não dominadas pelos grupos da costa, anteriormente mencionados.



Para ilustrar como isto podia ocorrer e que tipos de sítios podemos esperar no litoral de Santa Catarina, usamos o grupo mais conhecido historicamente, que tem representantes vivos na Reserva Duque de Caxias, em Ibirama, norte de Santa Catarina. São os índios Xokleng, antes também conhecidos como Bugres ou Botocudos. Eles foram muito divulgados por causa dos conflitos, que com eles tiveram, durante o século XIX, os colonos alemães, na região de Blumenau e outros moradores em toda a Floresta Atlântica do Estado de Santa Catarina e partes do Paraná. A documentação sobre a história do grupo é abundante e fidedigna.

Com o auxílio de jornais, outros registros escritos e iconográficos da época e obras de antropólogos e estudiosos mais recentes, Rodrigo Lavina (1994) reconstituiu o confronto com a sociedade colonizadora e construiu um modelo do seu assentamento. Usando como base os recursos disponíveis

nas diferentes áreas pelas estações do ano e apoiando-se fortemente na documentação escrita e iconográfica disponível, conseguiu mostrar a movimentação e os diversos assentamentos do grupo. Dele extraímos alguns parágrafos.

Segundo o relatório do Engenheiro Jacques Ouriques, baseado em depoimentos de crianças Xokleng aprisionadas por bugreiros (caçadores de índios a serviço dos colonos), eles *Vivem em continua migração serra acima para serra abaixo, conforme é tempo de pinhão na zona do Planalto ou de outros frutos nas zonas marítimas. Não só os frutos procuram, nestas correrias, como a caça que com elles aparece mais fácil e abundante.* (Boiteux 1911:71, apud Lavina 1994:54)

Paula (1924:19) afirma que os Xokleng são *uma tribo que vive essencialmente de caça e, portanto, nômade, sempre em trânsito pelas florestas, à procura e perseguição da mesma.* (Idem, ibidem)

O nomadismo Xokleng consistia no deslocamento de duas até oito famílias (Paula 1924) para diferentes partes do território, buscando assim intensificar a caça e a coleta, tanto vegetal como animal. (Idem, ibidem)

Durante os meses de outono e inverno (abril, maio e junho), em grupos, deslocavam-se para as matas de araucárias das bordas do Planalto Meridional para a coleta de pinhão e para caçar os animais atraídos à região por estes frutos. (Paula 1924, apud Lavina 1994:55)

O grande grupo só se reunia para a festa da perfuração dos lábios das crianças do sexo masculino, uma vez ao ano. Segundo Paula (1924:128), estas festas se faziam *todos os annos em fins de dezembro ou janeiro.* (Idem, ibidem) Este é o tempo em que o grupo se encontraria no litoral.

Vista a migração no território, olhemos para os acampamentos correspondentes. Primeiro, o de famílias dispersas em atividades de caça e coleta.

Constroem os Botocudos seus acampamentos com ranchos de varas finas, umas fincadas ao lado das outras a pouca distância, que são vergadas em forma de arco e presas suas pontas em uma pesada vara horizontal, geralmente fixa em duas árvores na altura de um homem. A forma do tecto é de abobada, sendo coberto por folhas de coqueiro, caheté ou xaxim; deixam sempre um vão lateral de mais ou menos um metro sem fechar para que possam observar também o que se passa atrás do rancho, evitando assim uma possível surpresa. O fogo sempre é feito sob a parte aberta do rancho, zelando continuamente os índios para que este não se apague. Destina-se cada um destes ranchos para uma só família.

Todos os demais ranchos são distribuídos regularmente em linha, agrupados paralelamente de dois a oito, formando assim o acampamento.

Quando há circunstâncias que os obrigam a permanecer em um determinado ponto por maior espaço de tempo (colheitas de pinhões, festas, etc...), constroem seus ranchos com mais perfeição e capricho, em maior tamanho, ligando as coberturas de dois ranchos fronteiros, de modo que as varas arcadas de cada rancho não fiquem ligadas a uma vara horizontal, mas umas às outras, formando então uma abobada perfeita. Nestes grandes ranchos habitam vários casaes pertencentes à mesma família, tendo para si cada casal o seu fogo, que fica situado no meio do grande rancho. Como os pequenos, também estes, à altura de aproximadamente um metro do solo, ficam abertos lateralmente. (Paula 1924:121-122, apud Lavina 1994:55-56).

Paula (1924:129) afirma que, para a realização da festa da perfuração dos lábios dos meninos, uma grande área circular era limpa, sendo construídos em sua periferia pequenos abrigos. No centro era acesa uma fogueira, em torno da qual os homens iniciavam uma dança, percutindo os cabos das lanças no solo. As mulheres os seguiam, acompanhando o ritmo com os chocalhos. Durante estas danças era consumida grande quantidade de bebida alcoólica pelos adultos e as crianças. Neste estágio os lábios dos meninos eram perfurados, sendo introduzido na abertura produzida um pequeno labrete de madeira. As meninas não tinham o lábio perfurado, mas sofriam duas incisões na perna esquerda, abaixo da rótula. (Lavina 1994:68)

Os ritos fúnebres, por serem diferentes dos observados nas populações arqueológicas do litoral e diferentes também das outras populações indígenas históricas do sul do Brasil, podem servir de indicador importante.

Servímo-nos, outra vez, de Lavina. O melhor documento sobre os ritos mortuários dos Xokleng é o depoimento do índio Vamblé, transcrito por Henry (1964). Segundo este,

o morto era envolvido em um cobertor, com seu arco e flechas próximos. O encordoamento do arco é cortado e este, juntamente com as flechas, é quebrado e o conjunto é amarrado com os restos do encordoamento. Em um local preparado, são empilhados pedaços de madeira até a altura da cintura de um homem e sobre esta estrutura é depositado o cadáver com seus objetos pessoais. O morto é orientado com a cabeça para oeste e em suas mãos são postas oferendas de mel e carne assada. A seguir o cadáver é recoberto com madeira até a pilha alcançar a altura de um homem, sendo o conjunto escorado com estacas para não desmoronar. Após acender a pira com um bambu incandescente, as pessoas se retiram, voltando um dia depois. Caso o cadáver não esteja completamente cremado, o processo é repetido. Quando os ossos estão calcinados, são recolhidos em um cesto forrado com folhas de xaxim e

transportado em uma padiola para o local de enterramento, que consiste em uma área limpa de vegetação com uma cova em seu centro. Os cestos com os restos de cremação são ali depositados e enterrados. Sobre este local o cônjuge sobrevivente constrói um pequeno abrigo. (Lavina 1994:69-70)

Nos cemitérios destes selvagens não se pode conseguir crânios e ossos, visto o uso que eles fazem da cremação dos corpos, não só daqueles que morrem pacificamente no seio da tribo, como também dos que são mortos nos ataques e ficam no campo inimigo; pois os que escapam pela fuga, voltam mais tarde para conduzir os corpos dos seus. As sepulturas em que se depositam as cinzas de cada corpo que cremam consistem em buracos feitos cuidadosamente na terra, com a forma de uma panela de barro; e conforme a categoria do morto dão maior ou menor altura na terra que elevam os mesmos buracos, cujo diâmetro na parte superior é 0,30 c, o do bojo de 0,50 c e de altura 0,56 c; tendo o monte que elevam a forma de um côno truncado com a altura variável de 0,50 c a 0,60 c, sendo estas as dos caciques. (Vasconcellos 1912:19, apud Lavina 1994:70-71)

Bem parecida é a descrição feita pelo missionário jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (1628, apud Cortesão 1951:297s) para os índios Gualachos dos campos do sudeste do Planalto do Paraná. Se os Gualachos, aos quais se refere Montoya, são antepassados dos Xokleng, ou um outro grupo parecido dos Jê meridionais, é o que não sabemos. Sua cultura é extremamente parecida à daqueles.

Ele fala a seu Superior Provincial que todos os Gualachos têm algum cultivo, que é o milho, mas do qual conseguem pouco alimento. Seu sustento são os pinhões e a caça de veados, porcos e antas. Caçam-nos com flechas, ou armadilhas, ou cestos muito compridos e grandes, que armam à maneira de nassas nos rios para pegar camarões. Fazem bebida fermentada com mel. Fabricam tecidos com fibras de urtiga braba. O modo de enterrar os mortos é o seguinte: choram o morto em casa enquanto podem aguentar o seu mau-cheiro; depois o levam para o campo próximo ao povoado ou a uma chácara de parentes e ali constroem um girau distante do solo um *estado*; sobre este colocam o corpo, cobrindo-o com palha, esperando que seque com o sol e o frio. Quando já está seco fazem muita chicha, limpam o lugar e nele se sentam todos a beber, enquanto outros queimam o corpo no meio da pracinha. Recolhem as cinzas e fazem uma cova, onde a enterram. Constroem em cima uma casinha muito pequena e redonda, na qual cabe uma pessoa sentada. Levantam-se todos e em grandes gritos dizem em sua língua: sai, sai, vai embora, vai embora. Repetem-no muitas vezes em grandes gritos, com o que dizem que a alma sobe ao céu. Cada ano os

parentes limpam o lugar e seus caciques fazem um montão de terra sobre a sepultura. (Montoya, in Cortesão 1951: 297s).

Em nossas pesquisas no litoral meridional de Santa Catarina encontramos um sítio diferente daqueles estudados até agora. O encontro resultou da procura de um sítio em que pudéssemos compreender melhor os acampamentos estacionais. Com este sentido foram desenvolvidos os trabalhos de campo e de laboratório.

No sítio testaremos o modelo Xokleng, que era o habitante da área ainda na segunda metade do século XIX. Não no sentido de aplicar o modelo rigidamente, mas de iluminar nosso achado. Embora uma analogia histórica direta não fosse de excluir *a priori*, precisamos dar-nos conta de que quatro séculos de colonização podem ter modificado os costumes e a sociedade Xokleng e, mesmo que tivéssemos a situação do grupo no século XV, ainda teríamos um milênio intermediando entre esta data e a do nosso achado.

De toda forma achamos que é um exercício válido e interessante, para melhor compreender o povoamento do litoral de Santa Catarina.

2. O sítio e sua escavação

Numa faixa de dunas vegetadas, junto à desembocadura antiga do Rio Araranguá (Barra Velha, Içara, SC), encontra-se este sítio raso, de manchas dispersas, pouco aparente, na propriedade de Mussuline Zanette e sua esposa Odessa Zanette. O sítio leva a sigla SC-IÇ-01.

Localiza-se na barranca esquerda do antigo rio, hoje um canal sem muita expressão dentro do leito desativado, isolado do Oceano por dunas recentes.

Antigamente o local deveria ter estado coberto de mata de restinga com concentrações de árvores maiores, como hoje existem em parte da outra margem e formaria uma espécie de ilha em meio a terrenos mais baixos, expostos ao alagamento pelas enchentes.

O local fora desmatado e servira, durante muitos anos, como área de cultivos tradicionais, que perturbaram a superfície até um pouco mais de 10 cm de profundidade. Hoje pastam sobre o sítio as vacas de leite de Dona Odessa.

O sítio estende-se sobre quase 300 m ao longo do canal, apresentando manchas esbranquiçadas no campo, formadas por conchas marinhas, depositadas em estratos, que dificilmente ultrapassam 30 cm de espessura.

Como o sítio era pequeno, tínhamos a intenção de escavá-lo integralmente para entender a sua dieta, a sua estrutura e sua estacionalidade e responder ao problema básico que nos tínhamos proposto: entender como funcionam acampamentos junto do litoral.

Na realidade, depois de escavar 364 m² compreendemos que a amostra era suficiente e poderíamos preservar a outra metade do sítio para pesquisas futuras.

A área, em que foram realizados os acampamentos, apresenta multiplicidade de formações naturais, entre as quais se destacam o oceano, praias arenosas, dunas, matas de restinga, campos litorâneos, banhados, rios, lagoas interiores e florestas de planície quaternária.

Partindo-se do sítio em direção sudoeste, a aproximadamente 1 km, chega-se ao mar. Neste ambiente a fauna marinha é variada e entre as espécies mais pescadas destacam-se a tainha (*Mugil* sp), o bagre-branco (*Netuma barba*), a corvina (*Micropogonias furnieri*), o papa-terra (*Menticirrhus* sp), o robalo (*Centropomus parallelus*) e a miraguaia (*Pogonias cromis*). Estes peixes, de hábitos marinhos, ocorrem também em águas estuarinas, no caso, a desembocadura do Rio Araranguá. O bagre, por exemplo, sobe o rio no começo do verão, em razão da desova e poderia ser pescado na frente do sítio, em abundância, nesta época.

Presentes nestas águas marinhas estão o boto (*Tursiops truncatus*) e pelo menos uma espécie de baleia, a *Eubalaena australis*.

Na praia arenosa encontram-se, em maior abundância, duas espécies de moluscos bivalves, o moçambique (*Donax hanleyanus*) e o marisco (*Mesodesma mactroides*), habitualmente enterrados na areia da zona entre marés. Outros exemplares de moluscos, como *Olivancillaria vesica auricularia*, *Amiantis purpuratus*, *Buccinanops duartei*, *Crassostrea rhizophorae*, *Perna perna* e *Thais haemastoma* são constatados, sendo que as três últimas espécies são geralmente encontradas vivendo em substratos rochosos, enquanto que as demais vivem em zona de marés ou sublitoral. Com exceção da *Crassostrea*, os demais moluscos ligados a substratos rochosos deviam estar pouco acessíveis na proximidade do sítio, pois não aparecem entre os vestígios arqueológicos e as ostras estariam localizadas em áreas baixas junto à desembocadura.

A vegetação, no ambiente do sítio, é a mata de restinga com predomínio de vegetação arbórea-arbustiva e pequenos capões de mato.

As frutas principais neste ambiente são os frutos das mirtáceas, das figueiras (*Ficus organensis*) e das palmeiras, principalmente o tucum

(*Bactris lindmaniana*) e o jerivá (*Arecastrum romanzoffianum*). De um modo geral o amadurecimento destes frutos ocorre em meados da primavera e verão.

No passado habitavam as matas de restinga animais como o jaguar (*Panthera onca*), a suçuarana (*Felis concolor*), o veado catigueiro (*Mazama gouazoubira*), a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), a paca (*Agouti paca*), a cotia (*Dasyprocta* sp) e a anta (*Tapirus terrestris*). Atualmente, como remanescentes da fauna típica nesta área, encontra-se: o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), o gambá (*Didelphis albiventris*), o graxaim-do-mato (*Dusycion thous*), o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), o furão (*Galictis cuja*) e os ratos pertencentes à família Cricetidae.

As lagoas circundadas por restinga, como a dos Esteves, Mãe Luzia e Faxinal, formam outro importante habitat. Nelas aparecem a lontra (*Lutra longicaudis*) e variados peixes e aves.

Nos campos secos é freqüente o tuco-tuco (*Ctenomys* sp).

Nos banhados aparece o ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*), a preá (*Cavia aperea*) e o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*). (Para os recursos ambientais usamos Bitencourt & Rosa 1994).

Como se vê, os recursos locais eram variados e abundantes, especialmente no verão, quando os frutos estavam maduros e o bagre entrava pelo estuário.

Quando iniciamos o trabalho não nos demos conta da verdadeira extensão e estrutura do sítio; percebemos somente um espaço com afloramento de conchas no campo de pastagem sobre a barranca do antigo rio.

Depois do levantamento topográfico, esta parte foi quadriculada em setores de 2 x 2 m, com as coordenadas correndo norte-sul e leste-oeste.

Os estratos apresentam-se da seguinte maneira: Nos 10 cm superficiais, conchas esmagadas ou sedimentos escuros, atingidos por sucessivas culturas com métodos tradicionais. Segue uma camada de conchas, ossos de peixe e outros restos arqueológicos, que pode ter 10, 20, excepcionalmente 30 cm de espessura. Por baixo, uma camada mais escurecida pela infiltração dos elementos da camada anterior. A base é formada pela areia amarelada da antiga duna. Na periferia das manchas de conchas existe uma pequena camada de areia um pouco mais escura, que logo dá lugar à areia clara das dunas.

A estratégia por nós usada para captar a implantação dos sucessivos acampamentos foi retirar os sedimentos por níveis naturais, combinados

com artificiais, mapeando por nível todos os elementos estruturais: todos os ossos de mamíferos, aves e répteis, todas as ostras e moluscos pouco representados, todos os restos líticos, covas e sepultamentos; também se desenharam os perfis das quatro paredes de cada quadrícula. Removidos foram os sedimentos arenosos e as conchas comuns de moçambique e marisco.

Por causa da presença permanente ou intermitente do gado, de muitos visitantes no canteiro de trabalho e de freqüentes chuvas, a escavação foi realizada em quadrículas alternadas e depois recuperadas as que tinham sido omitidas.

A escavação começou pelo que parecia ser a borda leste do sítio (janeiro de 1992: 52 m²); foi continuada, em 1993, no mesmo setor leste e aberta a metade de uma mancha circular no setor central (62 m²); em 1994 foi ainda continuada a escavação na borda leste e na mancha circular do setor central e começada a escavação na borda oeste, onde um trator tinha posto a descoberto uma porção de sepultamentos, junto a outra mancha circular (80 m²); em 1995 fez-se a escavação de uma seqüência de quadrículas entre a borda leste e o centro, e outra série cruzando o sítio ao meio em direção sul-norte, desde quase a borda do canal até o fim da camada de conchas. Também se escavou a maior parte da mancha da borda oeste. Ainda se escavou uma quadrícula-teste numa mancha que apareceu a 6 m rio abaixo, para leste (Anexo A) e oito quadrículas numa das manchas localizadas aproximadamente a 200 m da extremidade oeste do núcleo principal do sítio (Anexo B)(164 m²). O total escavado no sítio foi de 364 m². (Croqui no final do artigo)

Além do registro horizontal e vertical através de fotos e desenhos, fez-se o peneiramento, em malha de 2 e 3 mm, de todo o material de 3 quadrículas, sendo duas do setor leste e uma do setor central, recuperando especialmente todos os vestígios que pudessem levar à identificação da dieta do grupo e elementos da tecnologia que tivessem escapado na decapagem. Também se recolheram, por níveis, no setor leste e no setor centro, amostras não selecionadas de sedimentos (20 x 50 cm), que dessem a proporção dos elementos componentes dos estratos.

3. Resultados arqueográficos

A maior parte dos **alimentos** já foi analisada e mostra que há restos abundantes de moluscos marinhos (poucos *Megalobulimus* sp terrestres) e de peixes marinhos, uma certa representatividade da caça (anta, porco-do-

mato, veado, tatu, aves) e caroços calcinados de frutos, especialmente coquinhos de palmeiras, que devem ser o gerivá e o tucum.

Os moluscos predominantes são mariscos, moçambiques e ostras. Os dois primeiros se colheriam na praia, os últimos numa área baixa junto à desembocadura do rio.

Os peixes mais comuns são o bagre, a corvina, a miraguaia e a tainha.

Artefatos em osso e concha são muito raros: em concha eram feitos colares de uma espécie marinha, de formato alongado e tamanho pequeno (*Olivancillaria* sp); um dos colares acompanhava um sepultamento secundário de adulto e uma conta estava junto a um sepultamento primário semi-fletido. Rodelas de concha, que também formariam colares acompanharam dois sepultamentos, um primário e um secundário. Em osso há pontas associadas a sepultamentos de indivíduos cremados. Nas camadas se encontraram poucos artefatos em osso, valendo a pena mencionar um esporão grande de arraia e uma ponta de encaixe.

O **material lítico** está muito fragmentado. A matéria-prima dominante é o basalto, havendo uma representação menor de arenito e argilitos. Muitíssimos fragmentos têm uma, duas ou mais faces alisadas ou polidas; como os fragmentos são muito pequenos, é difícil, com poucas exceções, dizer se são fragmentos de polidores ou alisadores, ou fragmentos de *quebra-coquinhos*. Centenas são os fragmentos de *quebra-coquinhos*, com a pequena depressão polida bem visível; desses existem algumas peças inteiras ou quebradas, com uma, duas ou mais pequenas depressões. O terceiro tipo de artefato reconhecível são dezenas de fragmentos de mãos-de-pilão: apenas uma inteira e uma quebrada ao meio. Não aparecem lâminas polidas de machado.

Lascas legítimas e intencionais são pouquíssimas e não chegam a duas dezenas.

A maior parte do material está fortemente retalhada, não em decorrência da matéria-prima ou exclusivamente da ação de fogo, mas do uso ou intenção humana.

Se a matéria-prima de muitos desses artefatos talvez pudesse ser conseguida na proximidade, outras, especialmente a das mãos-de-pilão, não parece acessível localmente, nem na qualidade, nem no tamanho em que aparece.

Entre as **estruturas**, as mais importantes a nível de micro-análise, são os locais das fogueiras, os aglomerados de ostras e os sepultamentos. A

nível médio são as diversas manchas de conchas que marcam *assentamentos* individualizáveis dentro do sítio.

São raros os fogões com pequeno lastro de alguns seixos. Os locais das fogueiras podem apresentar-se como manchas mais escuras, geralmente no centro de aglomerados grandes de ossos de peixes e moluscos, ou como aprofundamentos escuros na areia clara da base. Nestes aprofundamentos podem ser encontrados pequenos ossos de animais, algumas vezes dentes ou fragmentos de ossos humanos. Geralmente estes aprofundamentos são periféricos às lentes de ossos e moluscos.

As estruturas mais comuns, espalhadas por todo o sítio, são os aglomerados de ostras, que contêm desde poucas unidades até várias centenas de conchas; parecem pequenos buracos de lixo e poderiam representar desde o resto da refeição de uma família até o resíduo de um grande banquete coletivo. As demais espécies de moluscos (moçambique e marisco), formam camadas relativamente homogêneas, dentro das quais, ou abaixo das quais, se encontram as ostras.

Nas concentrações de conchas os ossos de peixe também formam pacotes, no meio dos quais se encontra a maior parte dos ossos de caça. O conjunto das conchas e dos ossos, formando lentes de 6, 8 ou 10 m de diâmetro e até 30 cm de espessura no centro, parecem os resíduos de um pequeno grupo de pessoas, que permanece acampado no mesmo local e larga os resíduos dentro e ao redor do abrigo. Desses abrigos nenhum outro resto permaneceu.

Ossos, aparentemente do mesmo indivíduo, especialmente de anta, são encontrados em diversas fogueiras ou lentes, como se tivesse havido partilha da mesma caça pelas famílias acampadas.

Os sepultamentos são outra micro-estrutura freqüente. Foram recuperados restos de aproximadamente 49 indivíduos, dos quais 18 junto ao espaço circular de conchas na borda oeste, dois junto ao espaço circular do centro, os demais em três aglomerados na borda leste, onde aparentemente as ocupações se sucederam durante mais tempo. O fato de estarem reunidos em espaços definidos sugere que se trata de *cemitérios*. Estes não parecem ser coetâneos porque os corpos da borda leste costumam estar enterrados por baixo das camadas de conchas, na areia, ao passo que no centro e na borda oeste as sepulturas estão cheias de conchas, que envolvem e penetram o aglomerado dos ossos, mostrando que a deposição foi feita quando as camadas já existiam no local. Estes fatos sugerem que as

sepulturas não foram abertas no espaço (choça ou acampamento) em uso, mas a uma certa distância do mesmo.

Os sepultamentos apresentam formas diferentes: Há 17 indivíduos em deposição primária, estendidos, semi-fletidos ou totalmente fletidos, normalmente de bruços, com o rosto voltado para o chão. Podem ser encontrados nos três lugares onde houve sepultamentos. Este conjunto abrange adultos e crianças. Alguns trazem consigo algum enfeite, especialmente conchinhas perfuradas. - Há 12 indivíduos em sepultamentos secundários. Eles aparecem em covas individuais, mas frequentemente também em covas com mais de um indivíduo. Abrangem novamente adultos e crianças. Alguns pareciam ainda semi-articulados quando foram sepultados e nem sempre estão presentes todos os ossos. São encontrados em covas estreitas (40 a 50 cm de diâmetro), com os ossos longos predominantemente verticais, de modo que são os primeiros ossos normalmente atingidos na escavação.

A maior parte dos sepultamentos, sempre coletivos, são secundários, de ossos cremados: aproximadamente 20 indivíduos, que representam adultos, jovens e crianças. A cremação, por ter atingido fortemente os ossos, parece ser de esqueletos, ou partes dos mesmos, já descarnados, encontrando-se os ossos mais ou menos secos por ocasião da cremação, o que se percebe pela forma das fraturas. Artefatos ligados ao morto (flechas) eram cremados junto com os ossos. Encontram-se em pequenas covas aproximadamente circulares, com 40 a 50 cm de diâmetro, como os secundários não cremados. Numa das covas, com ossos de três indivíduos, os dois inferiores não estavam cremados, mas o de cima sim e chamuscou inclusive ossos do que estava imediatamente abaixo.

Um outro, secundário, tinha apenas algumas partes do esqueleto fracamente cremadas: as extremidades e parte do crânio junto à nuca. Tem-se a impressão de que os ossos ainda estavam muito cobertos de carne, de modo que o fogo só atingiu os ossos mais expostos, ficando os demais preservados. Se na maior parte dos casos parece ter-se tratado de ossos descarnados, ao menos neste caso parece que temos a cremação de um corpo.

Os primários, os secundários cremados e não-cremados se encontram no mesmo espaço, uns junto dos outros ou sobre os outros, indicando que são contemporâneos; e que a forma de proceder não era a mesma com todos os falecidos. As variáveis para se proceder de uma forma ou de outra parecem ligadas ao tempo e espaço em que o óbito se deu: se no

acampamento do litoral, ou em algum acampamento do interior; no segundo caso se muito ou pouco tempo antes da migração para o litoral.

As estruturas médias são as manchas diferenciadas que compõem o sítio. A camada de refugos costuma ser mais espessa no centro, diminuindo para a borda até desaparecer. Ao redor da lente de conchas ainda existem alguns artefatos espalhados.

Diversas dessas manchas são claramente distinguíveis, mas na borda leste elas parecem sobrepor-se, formando um estrato um pouco mais espesso. Aí também se multiplicam os cemitérios. Nosso pressuposto inicial era que as diversas manchas corresponderiam a *assentamentos* diferentes, que poderiam ser coetâneos ou diacrônicos. No primeiro caso poderiam representar o espaço diferenciado ocupado por famílias diferentes; no segundo caso, ocupações diacrônicas do mesmo lugar de acampamento em tempos diferentes. Para testar esta hipótese fizemos datar a base de duas dessas manchas, usando moluscos. As duas datas têm uma diferença de mais de um século, sendo a data de um espaço da borda leste de 790 +/- 50 AD (calibrada 370 +/- 60) (Beta-72196) e a do círculo do centro de 910 +/- 60 AD (calibrada 500 +/- 60) (Beta-72197). O mais provável é que se tenham dado as duas coisas: famílias diferentes ocuparam espaços separados e repetiram esta ocupação através do tempo.

O sítio SC-IÇ-01 não é o único na Barra Velha do Rio Araranguá. De modo que o mesmo fenômeno pode ter-se repetido nestes sítios e as mesmas famílias podiam ocupar ora um sítio, ora outro; ou um grupo de famílias ocupar este e outro grupo ocupar o outro; ou, ainda, o grupo ocupar durante um certo tempo este sítio e depois o outro. O que parece claro é que o sítio SC-IÇ-01 teve uma duração temporal considerável.

Recompondo o sítio com os dados arqueográficos formamos a seguinte imagem: Na barranca do rio se foram assentando, em tempos sucessivos, pequenos grupos de caçadores-coletores, que deixaram como lixo carapaças de moluscos, ossos de peixes, ossos de caça variada, caroços de frutos, acumulado em espaços aproximadamente circulares; este lixo é mais espesso no centro dessas manchas, adelgaçando-se para a periferia. Estas manchas têm 6, 8 a 10 m de diâmetro; nelas também se encontram vestígios de fogueiras e os materiais líticos quebrados. Cada mancha provavelmente corresponde ao assentamento de um grupo familiar, que teria uma choupana de material perecível para se abrigar. Em alguns lugares estas lentes se sobrepõem, sugerindo ocupações sucessivas. O conjunto de

manchas se estende ao longo do canal por um pouco mais de 300 m, com uns 30 m de largura.

Os mortos eram depositados em cemitérios diferentes, na proximidade dos assentamentos vivos, não dentro das choupanas. Ao menos alguns cemitérios parecem diacrônicos.

Havia abundância de recursos no verão, junto com ambiente agradável. No inverno os recursos seriam menos abundantes e o ambiente pouco acolhedor.

4. A interpretação

Relembramos agora o modelo Xokleng e a carta de Montoya como possibilidades para iluminar o material.

O sítio encontra-se claramente dentro do território Xokleng, que abrangia, no século XIX, toda a Floresta Atlântica do sul ao norte do Estado de Santa Catarina e uma parte do sudeste do Estado do Paraná.

Ele é bastante recente e não haveria grande problema em pensá-lo como assentamento de um grupo antepassado, semelhante ao Xokleng.

Tem em comum com os concheiros construídos por populações fixas no litoral, apenas a alimentação e os artefatos mais simples (alisadores e *quebra-coquinhos*), mas grandes divergências no material lítico (a abundância de mãos-de-pilão e a ausência de lâminas polidas de machado) e no ritual de sepultamento. As mãos-de-pilão, pela matéria-prima, a morfologia e a própria utilidade, indicam o interior, onde costumam estar ligadas às populações que exploram os pinheirais, como os Xokleng, que usam estes artefatos para triturar os pinhões tostados, reduzindo-os a uma verdadeira massa, com a qual preparam um caldo cozido com água, ou pequenos bolos, de forma redonda e chata, do tamanho de um pires, que são depois assados sobre brasas. (Paula 1924:121, apud Lavina 1994:64) A ausência de machados poderia indicar a transitoriedade dos acampamentos que não exigiam grande instalação, nem produção de muitos artefatos em madeira, e sua especificidade: ritual e possivelmente aprovisionamento para outra estação.

O que mais separa dos concheiros o sítio SC-IÇ-01 são os sepultamentos secundários e os secundários cremados. Os sepultamentos dos concheiros, quer os corpos tenham sido depositados estendidos, quer fletidos, são sempre primários, correspondentes à acomodação dos que morreram no local, ao passo que em Içara a maior parte dos sepultamentos são secundários ou secundários cremados, geralmente coletivos, em covas

estreitas, uns sobre os outros ou misturados, sugerindo que foram depositados em cestos e transportados de outro lugar.

Nossa hipótese é de que os secundários, os secundários cremados e inclusive alguns dos muito fletidos foram trazidos de outros acampamentos do grupo. Todos os falecidos na temporada, até aí preservados de uma ou outra forma, mantendo-os insepultos, seriam preparados para o transporte ao jazigo do litoral. Aqueles dos quais apenas sobravam os ossos, mais ou menos secos, eram cremados, e os ossos calcinados acomodados, coletivamente, numa cesta. Excepcionalmente um corpo ainda coberto por bastante carne foi cremado individual e incompletamente, acomodado numa cesta e assim transportado. - Esqueletos parcialmente articulados, provavelmente ainda com alguma carne, foram simplesmente acomodados em cestos, individual ou coletivamente; eventualmente num mesmo cesto ficaram, no fundo, dois descarnados não cremados e por cima foi colocado um cremado, ainda quente, que chamuscou o que estava por baixo. Num outro caso temos, no fundo do cesto, uma criança e sobre ela dois adultos. Existem ainda ao menos dois sepultamentos primários, fortemente fletidos, que sugerem terem, também, sido colocados em cestos e provavelmente transportados de outro lugar. - Os demais, primários, possivelmente correspondam aos mortos no lugar do acampamento, no litoral. Estão depositados estendidos, ou com as pernas dobradas sobre si, ou fletidos de forma menos rígida. As covas são maiores e não indicam, pela forma, o uso de cestos para a deposição. Geralmente são sepultamentos individuais, mas num caso aparece um adulto com duas ou três crianças na altura dos ombros; num outro caso duas crianças justapostas na mesma cova. As crianças estão fortemente representadas neste grupo.

O estado dos ossos nas sepulturas responde bastante bem ao relato de Montoya, que descreve duas etapas: primeiro a decomposição do corpo ao ar livre, ainda na proximidade dos vivos; depois a cremação e o afastamento definitivo do morto do mundo dos vivos. Nossos materiais mostram que a cremação não foi sempre executada, mesmo quando o morto teve de ser transportado, sepultando-se, nestes casos, os ossos, ou mesmo o corpo, sem cremar. - Alguns mortos não foram transportados, porque morreram no mesmo local do cemitério, nem, talvez, expostos (crianças cremadas), mas enterrados diretamente com o corpo ainda inteiro.

Os gritos dos Gualachos, despachando os mortos para a outra vida, na segunda deposição, nos convidam a pensar que algo parecido poderia estar ocorrendo aqui, desligando os mortos definitivamente da companhia

dos vivos: enquanto mantinham alguma forma corporal ficavam transitando entre os vivos e os mortos; como esqueletos ou cinzas já não se pareceriam com os vivos e poderiam ser encaminhados para o reino dos definitivamente mortos, dos antepassados. Isto seria feito num lugar seguro, onde também os predecessores, depois de terem migrado sem residência fixa durante toda a sua vida, tinham recebido o mesmo tratamento e repousavam definitivamente, em lugar bem identificado. Estes rituais lembram os de outras populações da Europa, da Ásia e da Oceania, onde procedimentos semelhantes, primeiro com o descarnamento do corpo, depois sua cremação e sepultamento, encaminham seus falecidos para o mundo dos antepassados (Gnoli & Vernant 1982; Metcalf & Huntington 1992).

O fato de os mortos em outros acampamentos serem transportados para este sítio indicaria que o lugar desempenhava um papel importante no território ocupado, semelhante, talvez, ao da perfuração dos lábios, quando os meninos eram incorporados na sociedade e substituíam os membros falecidos.

Uma hipótese que muitas vezes voltou à discussão durante os quatro anos de trabalho de campo foi a de que os ossos ou corpos poderiam ter sido cremados no local do acampamento litorâneo, mas em toda a escavação não se encontraram vestígios que a confirmassem como prática generalizada. Existem uns poucos buracos por baixo das camadas de conchas, ou na sua periferia, cheios de sedimentos escuros, às vezes com uns poucos dentes humanos e ossos isolados (geralmente uma ou duas vértebras), que poderiam estar ligados a cremação de crianças; mas as covas são pequenas demais e intactas; ao menos não configuram uma área de cremação de adultos ou mesmo jovens com certo desenvolvimento.

A quebra dos artefatos líticos permite duas interpretações hipotéticas: uma materialista, outra ritual. A materialista: As mãos-de-pilão estão ligadas, no interior, ao esmagamento do pinhão novo ou desidratado para preparação de alimentos. No sítio do litoral estas mesmas mãos-de-pilão poderiam estar associadas à produção de farinha, de peixe seco, como aprovisionamento para os acampamentos do interior. Dificilmente continuariam ligadas à trituração de pinhões que, neste tempo, já não estariam mais disponíveis nem *in natura*, nem conservados. Podemos imaginar a trituração do peixe, feita com uma mão de pilão como elemento ativo e um seixo com superfície alisada como suporte. As duas peças quebrariam pelo uso. Do mesmo jeito quebrariam os *quebra-coquinhos* no esmagamento dos caroços do gerivá e do tucum. - A interpretação ritual

ligaria a quebra, não mais acidental, mas intencional, ao sepultamento de seus donos. A base para este pensamento é o fato de que nos pacotes de ossos cremados foi recuperada a maior parte das pontas de flecha, em osso, também carbonizadas, confirmando que tinham sido queimadas com seus donos.

A seleção de recursos alimentares, constituídos de poucas espécies de moluscos e poucas espécies de peixes, exploradas intensamente, sugerem ocupações estacionais; os peixes e os frutos mais abundantes na área seriam adquiridos em maior quantidade no período de verão.

Esta é a visão que podemos produzir do sítio no momento em que grande parte, mas não todo o material, foi analisado. Os resultados indicam que estamos diante de acampamentos de ocupação estacional, de um grupo não fixado no litoral, com características culturais, tecnológicas e sociais semelhantes às dos Xokleng. Se a biologia também é semelhante é um teste que a bióloga Marília de Mello e Alvim teria gostado de fazer.

O sítio serve para nos darmos conta de que, no litoral, não todas as ocupações são iguais e elas precisam ser observadas também do ponto de vista do padrão de assentamento.

✉ Praça Tiradentes, 35 - Caixa Postal 275 - 93.001.970 SÃO LEOPOLDO, RS, BRASIL.

Abstract

Campments on the sea-shore at Içara, SC studies a preceramic site of the first centuries AD. In the site are represented successive summer campments of a hunter-gatherer population of the inland. The indicator used to establish the seasonality is food; to establish the migration are the burials, which are different from the burials of the shore dweller, but similar to the Xokleng Indians, the former inhabitants of the Atlantic forest of Santa Catarina and the south-east of Paraná.

Key words: seasonal campments - shore dwellers - Xokleng Indians - Atlantic forest.

Referências Bibliográficas

- BITENCOURT, Ana Luisa Viatti & ROSA, André Osório. 1994. *O ambiente do sítio arqueológico SC-IC-01, Barra Velha, Município de Içara, SC*. São Leopoldo. In litteris.
- BOITEUX, Lucas A. 1911. *Notas para a história catarinense*. Florianópolis, Livraria Moderna.

- GNOLI, G. & VERNANT, J.-P. 1982. *La Mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Cambridge-Paris, Cambridge University Press & Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- HENRY, Jules. 1964. *Jungle people. A Kaingang tribe of the Highland of Brazil*. New York.
- HURT, Wesley R. 1974. The interrelationship between the natural environment and four sambaquis, coast of Santa Catarina, Brazil. *Occasional Papers and Monographs*, nº 1. Bloomington, Indiana University Press.
- LAVINA, Rodrigo. 1994. *Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.
- METCALF, Peter & HUNTINGTON, Richard. 1992. *Celebrations of death. The anthropology of mortuary ritual*. Cambridge University Press.
- MONTROYA, Antonio Ruiz. 1628. Carta Anua do Padre Antonio Ruiz de Montoya, superior da missão do Guairá, dirigida em 1 628 ao Padre Nicolau Duran, Provincial da Companhia de Jesus. In CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951.
- NEVES, Walter Alves. 1984. *Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)*. São Paulo, USP, tese de doutorado.
- _____, UNGER, P. & SCARAMUZZA, C.A.M. 1984. Incidência de cáries e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina. *Ciência e Cultura* 36 (9): 1597-1599.
- PAULA, José M. de. 1924. Memória sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catarina organizado pelo Serviço de Proteção aos Índios sob a inspeção do Dr. José M. de Paula. *Anaes do XX Congresso Internacional de Americanistas (Rio de Janeiro 1922)*, Rio de Janeiro, v. I: 117-137.
- PROUS, André & PIAZZA, Walter F. 1977. Documents pour la préhistoire du Brésil Meridional - 2. L'Etat de Santa Catarina. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud* 4. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. 1995. *Continuidade e mudança no litoral de Santa Catarina*. Trabalho apresentado no II Simpósio de Arqueologia da Região Sudeste. São Paulo, USP-MAE.
- _____, e outros. 1992. *Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Armação do Sul*. Pesquisas, Antropologia 48. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.
- _____, e outros. 1993. *Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé*. Pesquisas, Antropologia 49. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.
- _____, & VERARDI, Ivone. 1995. *Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico das Cabeçadas. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé*. São Leopoldo. In litteris.
- _____, & BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. 1995. *Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio pré-cerâmico do Pântano do Sul*. São Leopoldo. In litteris.
- SILVA, Sérgio Baptista e outros. 1990. *O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani*. Pesquisas, Antropologia 45. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.
- VASCONCELLOS, Diego A. de. 1912. Botocudos. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, v. XVII (1904): 19-22. Rio de Janeiro.